

TRABALHANDO COM A MORTE



ANA CAROLINA AMETLLA GUIMARÃES
PSIQUIATRA
COORDENAÇÃO DA REDE DE ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL- SESAU.

MORTE UMA CONHECIDA DESCONHECIDA



- Finitude.... Como se aproximar da morte de maneira que possamos dar sentido a vida e não se entregar a angústia de nos depararmos com o fim do outro, esvaziando a nossa existência de sentido??
- Apesar de carregarmos a certeza e consciência da morte.... a tratamos cada vez mais como uma estranha surpresa.

Concepção da morte ao longo dos tempos



- O distanciamento da morte é uma concepção atual pois durante muitos séculos a morte era mais próxima e assistida apesar de sofrida.
- A partir da Idade Média com uma concepção mais arraigada da religiosidade o homem passa a temer o que pode vir depois da morte e passa a estabelecer rituais para evitar condenações e castigos após a morte.
- Além disso a morte que antes era assistida e vivenciada por familiares passa a ser solitária e escondida do convívio social- Passar a morrer no hospital e muito recente na história da humanidade.

O Agente Funerário



- A morte é uma ocorrência inerente à condição humana, mas evitada e escondida na sociedade que delega seus cuidados a uma classe de trabalhadores cujo labor diário carece de reconhecimento dessa sociedade (CÂMARA, 2011; FARINA et al, 2009). A estes trabalhadores resta, portanto, lidar com a morte cotidianamente como sua matéria-prima de trabalho, exigindo recursos físicos e mentais para o desempenho de suas funções.

O Agente Funerário



- Em seu trabalho, os agentes funerários estão submetidos a sofrimento mental, especialmente nas situações que envolvem violência na causa da morte (CÂMARA; SOUZA, 2011; BROEMER, 1998).
- Exigindo “estratégias de defesa individuais e coletivas fortemente erigidas para trabalhar com objeto tão desestabilizante” (SILVA, ZAMBRONI-DE-SOUZA, ARAÚJO, 2014, p. 88- 89).
- Além dos riscos e desgaste mental, estes profissionais são estigmatizados pelo contato físico com aquilo que é considerado indesejado pela sociedade. (ASHFORTH; KREINER, 2014);

O Agente Funerário



- Nessa terceirização dos cuidados com o morto é esperada uma atitude profissional e de pouco envolvimento, sem espaço para manifestação ou vazão das emoções dos agentes funerários (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014), contribuindo para o cenário descrito no estudo de Dittmar (1991) com trabalhadores do serviço funerário do município de São Paulo no qual os índices de transtornos mentais e do comportamento são marcadamente importante.

O Agente Funerário



- Entretanto, o fato de lidar diretamente com a morte é algo que não há como se mudar, surgindo então como possibilidade de melhoria da vivência destes trabalhadores e do desempenho das organizações, a “identificação de estados psicológicos positivos e passíveis de desenvolvimento que podem capacitar os trabalhadores a lidarem melhor com as adversidades no contexto de trabalho” (SIQUEIRA, MARTINS, 2013, p. 640).

O Agente Funerário



- A necessidade de neutralizar-se em relação ao contato com a morte e disfarçar a morte para a entrega de um corpo que remeta a vida pode trazer sofrimento.
- A re-humanização da morte passa por poder não estar naturalizando tudo relacionado as emoções para poder lidar com a angustia da morte.
- A confrontação permanente com a dor oriunda da perda, da morte, parece possibilitar ao agente funerário um sentido mais realista sobre a nossa condição humana e frágil, facto que Sanders (2008) mencionou, ao considerar que se vai desenvolvendo uma consciencialização da finitude da vida, em particular na profissão de agente funerário

O Agente Funerário



- É necessário reconhecer o agente como um agente de cuidado pois cuida do corpo morto e do contato da família com a morte.
- É necessário ter espaços em que se possa desnaturalizar a negação da morte, que passa a ser cotidiana para suportar o contato com o corpo morto.
- Para isso são necessários espaços institucionais para lidar com a subjetividade no entorno da morte.

O Agente Funerário



- O trabalhador precisa ser visto e se ver enquanto sujeito, não sendo um simples reprodutor de tarefas, mas aquele que constrói também seu espaço e o sentido no que se faz.